

PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JANEIRO - JUNHO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 17

ISSN: 2176 - 5960

APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DAS PROPOSIÇÕES I-IX, LIVRO I, DA *PUERTA DEL CIELO*, DE ABRAHAM COHEN DE HERRERA¹

Rodrigo Pinto de Brito
DFL-UFS

RESUMO: Este artigo é a introdução ao projeto de tradução e interpretação do tratado cabalístico *Puerta del Cielo*, do pensador Sefardita Abraham Cohen de Herrera (1564-1635/1639). Assim, apresentamos a vida, a genealogia e a obra do filósofo, enfatizando seu turbulento contexto histórico e suas possíveis influências, bem como a repercussão da *Puerta del Cielo*.

PALAVRAS-CHAVE: História das ideias. Diáspora. Cabala; Abraham Cohen de Herrera. *Puerta del Cielo*.

ABSTRACT: This paper is an introduction to the project of translating and interpreting the cabalistic treatise *Puerta del Cielo*, of the Sephardic thinker Abraham Cohen de Herrera (1564-1635/1639). Thus we present the life, the genealogy and the works of the philosopher, stressing his turbulent historical context and his possible influences, as well as the repercussion of the *Puerta del Cielo*.

KEYWORDS: History of ideas. Diaspora. Cabala. Abraham Cohen de Herrera. *Puerta del Cielo*.

¹ Trabalho em desenvolvimento, sob auspícios das linhas de pesquisa: *Filosofias Antigas e sua recepção Moderna* (Grupo *Viva Vox*), e *As correntes e temas filosóficos que perpassam a obra de Abraham Cohen de Herrera* (Grupo *Diáspora Atlântica dos Sefarditas*).

1- Vida:

Abraham Cohen de Herrera (1564-1635/1639) foi um filósofo judeu de origem ibérica, não se sabe ao certo se portuguesa ou espanhola, que deixou-nos três obras: *Epítome y compendio de la lógica o dialéctica*; *Casa de la divinidad*; *Puerta del cielo o de los cielos*.

Filho do Rabino David Cohen Herrera, de Córdoba, Abraham de Herrea viveu errante durante anos, tendo passado pela Itália, pelo norte da África e pela Turquia. Nomeado em Cádiz representante do sultão de Marrocos, Mulay Ahmad el Mansur², por seu tio, Juan de Marchena, Abraham de Herrera (então chamado por seu nome cristão-novo: Alonso Nuñez de Herrera) foi capturado por uma numerosa frota inglesa comandada por Lord Essex³, que atacou a cidade e prendeu os suspeitos de serem espanhóis recém-convertidos.

Os prisioneiros foram levados para Ware, ao norte de Londres, e lhes foi exigido um resgate. Abraham de Herrera, ou Alonso Nuñez, alegou que a ele não cabia tal exigência, uma vez que não havia nascido na Espanha⁴, portanto não era súdito espanhol. Como David Cohen Herrera, seu pai, no momento (1595) se encontrava sob a proteção do Grão-Ducado de Toscana, Alonso afirmou ser súdito do Grão-Duque da Toscana e Duque de Siena, Fernando de Médici⁵, Cardeal Protetor de Espanha, quem havia publicado um ousado edito de tolerância aos judeus e hereges⁶, o que fez com que a Toscana se tornasse relativamente segura para Sefarditas perseguidos em Portugal e Espanha. Com essa artimanha, Alonso Nuñez obteve um salvo-conduto e retornou à Europa continental em um navio de seu tio Juan de Marchena.

O retorno à Europa continental teria sido também, para Alonso Nuñez, o retorno ao judaísmo, adotando o nome Abraham Cohen de Herrera e passando então a se dedicar mais profunda e abertamente às questões e práticas judaicas, mas sobretudo à mística. Consta em 1620 como membro da congregação *Newe Shalom* em Amsterdã, cidade onde teria morrido em 1635 ou 1639.

² Rei de Marrocos entre 1578-1603.

³ Robert Devereux, 1565-1601.

⁴ Por causa dessa alegação que alguns autores consideram que Abraham de Herrera foi italiano. Ver: DEL BUFFA (2010), POPKIN (1998).

⁵ 1549-1609.

⁶ Há um edito promulgado por Fernando de Médici que data de 10 de junho de 1593: *A tutti voi mercanti di qualsivoglia, nazionale, levantini, e e'ponentini spagnioli, porroghesi, Greci, todeschi, & Italiani, hebrei, turchi, e 'Mori, Armenii Persiani, e altri saluto*.

2- Árvore genealógica⁷:

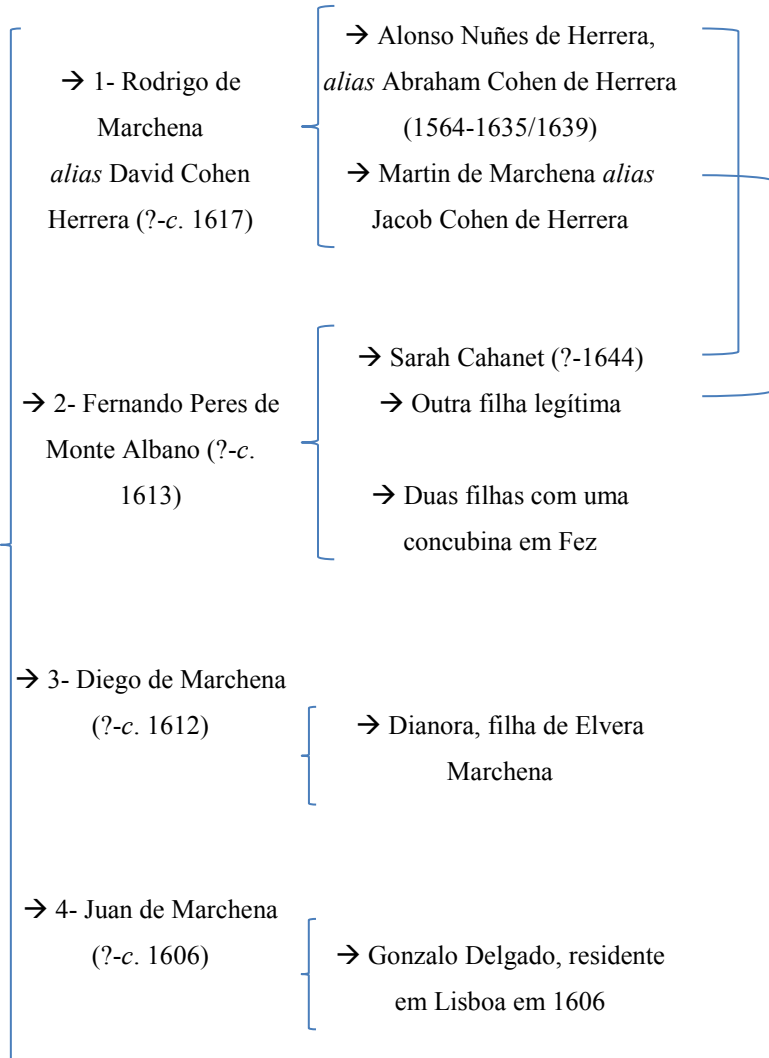
Os quatro irmãos de Marchena-Herrera e sua família

* *O avô*: Rabino chefe em Córdoba antes de 1492

* *O pai*: Alonso de Marchena

* *Os quatro filhos*: →

* *Outros membros proeminentes*: Lope de Marchena, em 1593 em Cádiz;
Vicenzo de Marchena, c. 1606 em Fez.



3- Obra:

⁷ Extraída de DEL BUFFA (2010).

Como disse anteriormente, três são as obras conhecidas de Abraham de Herrera: *Epítome y compendio de la lógica o dialéctica*⁸; *Casa de la divinidad*⁹; *Puerta del cielo o de los cielos*. Ater-me-ei à terceira.

Quanto à datação, não se sabe ao certo quando *Puerta del cielo* foi escrita, mas a hipótese mais aceita é a de que teria sido redigida, ou pelo menos revisada, após a passagem do autor pela Itália, o que faz com que por toda a obra temas Renascentistas estejam presentes. Ademais, o autor se coloca como discípulo de Israel Sarug¹⁰ – por sua vez, discípulo de Isaac Luria¹¹ (místico de Safed) –, e Sarug teria estado na Itália entre 1592-1593 e em 1600. Mas também esteve em 1598 e 1604 em Salonica, reduto de Sefarditas após sua expulsão da Espanha em 1492, e de Romaniotas desde o princípio da Era Cristã. Assim, se por um lado as probabilidades de Abraham de Herrera ter encontrado Sarug em Itália são grandes, por outro lado, isso não elimina a hipótese deste encontro ter ocorrido em Salonica, some-se ainda a esta incerteza a suposição de que poderiam ter estado juntos em Amsterdã, justamente onde se traduziu o manuscrito da *Puerta del cielo* do castelhano para o hebraico em 1665, por Isaac Aboab da Fonseca¹², que, assim como os cabalistas Manasseh ben Israel¹³ e Saul Levi Morteira¹⁴, presidiu a escola (Yeshibah) na qual Baruch Spinoza¹⁵ estudou¹⁶.

Em 1677-78 publicam-se em Sulzbach, na Alemanha, trechos da tradução hebraica da *Puerta del cielo* vertidos agora para o latim pelo cabalista cristão, Christian Knorr von Rosenroth¹⁷, que organiza esses trechos em *Kabbala Denudata, sive Doctrina Hebræorum Transcendentalis et Metaphysica Atque Theologia*, uma coletânea que incluía ainda o *Zohar*, entre outras traduções¹⁸.

⁸ Aparentemente escrito como material didático para judeus na Holanda, foi publicado na década de 1630 e é um tratado de estilo escolástico. Possui um capítulo sobre um “método” que, ao empregado, permita descobrir “ideias claras e distintas”, ver POPKIN (1998).

⁹ Tratado cabalístico sobre anjos e demônios, ainda não publicado.

¹⁰ Fl. 1590-1610.

¹¹ 1534-1572.

¹² 1605-1693. Esteve no Brasil em 1642 com Moisés Raphael de Aguiar (?-1679) até a reconquista portuguesa, empenhou-se no estabelecimento da comunidade judaica de Recife, onde foi Rabino da Sinagoga Kahal Zur Israel (a primeira congregação judaica do Novo Mundo, em 1640 com cerca de 1450 membros). Escreveu uma tradução comentada da Torá para o espanhol.

¹³ 1604- 1657.

¹⁴ 1596- 1660.

¹⁵ 1632- 1677.

¹⁶ E são precisamente Saul Levi Morteira e Isaac da Fonseca Aboab os membros do bet din que decreta a excomunhão de Spinoza em 27 de julho de 1656.

¹⁷ 1636- 1689.

¹⁸ Obra lida e comentada por Leibniz, Newton, Locke e Schelling, por exemplo. Ver: POPKIN (1998).

Outra notável personagem sobre a qual provavelmente o manuscrito da *Puerta* impactou foi João Pinto Delgado¹⁹, que não é um cabalista, mas um dos maiores poetas Judeo-portugueses de todos os tempos. Tradutor de Petrarca para o português, publicou em Ruão (1627) uma coleção de poemas extensos: *Lamentaciones del Propheta Jeremías, Poema de la Reina Ester, Historia de Rut*, entre outros. Entre 1636 e 1640 foi um dos sete parnasim do Yeshibah que Spinoza frequentou. No poema intitulado *A La salida de Lisboa*, Pinto Delgado lamuria-se dos sofrimentos constantes dos Sefarditas, notadamente os portugueses, para ele a vida havia se tornado amarga, ao que resta somente aguardar o retorno do Messias e a volta à Terra Santa, e é exatamente na primeira estrofe deste poema que percebemos a ambiguidade do tema da “porta”: potente tanto para o mal – no caso de Pinto Delgado por representar a porta de Lisboa, trancada para impedir a fuga dos judeus –, quanto para o bem – no caso de Abraham de Herrera, por oferecer a única fuga possível e desejável, aquela para os planos superiores apresentados pela mística da Cabala de Safed.

Eis a seguir a tradução da estrofe 1 de *A La salida de Lisboa*, de João Pinto Delgado²⁰:

Aqui está a infame porta,
a da oliva e da espada,
para sair tão fechada,
e para entrar tão aberta.

Intrinsecamente ligado ao tema da porta, está o da chave, carregada por Sefarditas ao redor do mundo após a diáspora, símbolo da esperança do retorno ao lar, bem como da abertura da porta secreta que revela o caminho para planos superiores, ou para o contato com inteligências metafísicas que, por seu turno, são elas próprias chaves para se obter o que se deseja, conforme exemplificado pelos grimórios medievais *Clavicula Salomonis*²¹, *Lemegeton Clavicula Salominis*, e *Livro de Abramelin*²².

¹⁹ 1580- 1653.

²⁰ A partir do manuscrito presente na coleção *Ets Haim* da Universidade de Jerusalém, *apud*. ARTIGAS (1997).

²¹ Que tanto influenciou Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486- 1535), cabalista e alquimista que escreveu *De occulta filosofia libri tres*, mas que posteriormente tornou-se um polemista fideísta, atacando as pretensões da ciência aristotélica

²² Cujas autoria é atribuída por DEHN (2006) ao Talmudista alemão Yaakov Moelin (1365-1427). Reza a lenda que Nicolas Flamel (1330-1418) teria obtido este livro através de um cristão-novo espanhol durante

De fato, também a *Puerta del cielo* pode ser considerada uma chave, mas a abordagem de Abraham de Herrera é totalmente diferente da dos grimórios, pois o autor não trata de feitiços ou pantáculos, mas aborda a Cabala através de uma aproximação com a filosofia ocidental, notadamente com o aristotelismo, o neoplatonismo e o neopitagorismo, e também com Averróis, Tomás de Aquino, al-Ghazali, Marcílio Ficino e Leão Hebreu, talvez seja esta a sua maior importância. Portanto, a obra de Herrera é uma chave que se quer racional, utilizando um discurso filosófico para conduzir a uma porta e para poder abri-la. E por esta abertura que se pode então vislumbrar os planos superiores da Criação, planos estes que não podem mais ser, por seu turno, rigorosamente explicados pela linguagem ou compreendidos pela razão.

4- Tradução:

Para a tradução abaixo das Proposições I-IX do Livro I da *Puerta del Cielo*, de Abraham Cohen de Herrera, usei a primeira edição do texto castelhano (ms. Koninklijke Bibliotheek, 'S-Gravenhage 131 C 10)²³. Alterei a pontuação, uma vez que a escrita original não se adequa mais às normas vigentes. Também inverti a ordem entre o número da proposição e o seu título, assim, a proposição numerada aparece antes do título. Sigo a transliteração de nomes hebraicos conforme originalmente ocorrem no texto de Abraham de Herrea. A numeração das folhas do manuscrito original aparece entre [...].

[f. 1r]

Primeiro livro da porta do céu
de Abraham Cohen de Herrera

Breve introdução e compêndio de uma parte da Sabedoria divina que, por tradição oral e sucessiva, veio de Mosseh, nosso preceptor e mestre, aos anciãos, aos Profetas e Sábios do Povo Israelita, e finalmente, por misericórdia do Autor dela e bem de todos, a mim, Abraham Coen²⁴ de Herrera, filho do honrado e prudente Velho Rabi David Cohen de Herrera, coligida a partir da doutrina regular de R. Simeon bem

uma peregrinação a Santiago de Compostela, mas isto faria com que a aparição do grimório fosse datada em c. 1378, não podendo ter sido escrito por Yaakov Moelin.

²³ *Apud.* DEL BUFFA (2010).

²⁴ *Sic.*

Yohay²⁵, R. Mosseh Barnahman²⁶, R. Azariel²⁷, R. Iossef Chequitilia²⁸ מערכת האלהות²⁹ e seu expositor, R. Iuda Hayath³⁰, R. Mosseh de Leon³¹, R. Mehira Gabay³², R. Menahem Recanati³³, Rabi Menahem Azaria de Fano³⁴, e [a partir] de outros Cabalistas de louvável memória, principalmente do eminente Haham Rabi Mosseh Cordovero³⁵, que está recebido em paz, e praticada oralmente por Haham Rabi Ysrael Sarug, de feliz memória, meu preceptor e Mestre.

PROPOSIÇÃO I: *Afirma que há um não-causado e necessário ser primeiro, e que é eterno e sumamente perfeito.*

Ab eterno e antes de todas as demais coisas, é necessário que haja – e, por conseguinte, é certo que houve, como também há e haverá sempre – um eterno e não-causado Causador de tudo que, sendo por si (e não por outro, em si e para si, e não em outro nem para outro) é necessário que seja por sua própria essência ato puríssimo e livre de toda potência material e passiva. Infinito bem e simplíssimo³⁶ Uno, que em si e por si, com ilimitada perfeição e autossuficiência, existe e consiste. E que, assim excedendo as demais coisas, sem ter proporção com nenhuma delas [i.e. as demais coisas] e nem com todas juntas, as contém em si. Com suma eminência e simplicidade³⁷ produz, conserva, governa e aperfeiçoa fora de si com sua infinita bondade, potência e sabedoria. Não para adquirir ou aumentar algo que o falte – pois como infinitamente perfeito, não o falta nem pode faltar nada –, mas para dar e comunicar a todos, por misericórdia e graça, uma porção da bondade que, com imensa exuberância em si é e contém, representando em todos os seus efeitos e em cada um deles (ainda que em uns mais e em outros menos) aquela perfeição que, sendo em si inacessível e inalcançável a

²⁵ Personagem de *Sefer ha-Zohar*.

²⁶ Cabalista e comentador da Bíblia, c. 1194-1270.

²⁷ Filósofo e cabalista neoplatônico, ativo no séc. XIII.

²⁸ Cabalista espanhol, c. 1248-1325.

²⁹ [*Ma'areket ha-Elohut*].

³⁰ C. 1450-1510.

³¹ Cabalista da província espanhola da Girona, segundo SCHOLEM (2008), autor do Zohar, ativo no séc. XIV.

³² C. 1480-1543.

³³ C. 1290-1350.

³⁴ Divulgador da cabala luriânica na Itália, 1548-1620.

³⁵ Rabino de Safed e cabalista, 1522-1570.

³⁶ Do catalão: “senzillísimo”.

³⁷ Do catalão: “senzillesa”.

todos os entendimentos produzidos, é somente cognoscível e conhecida (e por conseguinte celebrada e glorificada) por eles e neles.

[f. 1v]

PROPOSIÇÃO³⁸ II: *Continua a declarar a infinitude e suma perfeição de Ensoph, a Causa primeira.*

Desta primeira Causa, que chamam de Ensoph ou de infinito, não se pode compreender e nem compreende outro por seus efeitos, mas, contendo a todos, com sua simplicidade e eminência, excede a todos em tudo. De modo que [a Causa primeira] é em tudo ilimitada e infinita, como aquela que não é contida de nenhuma maneira, contraída por nenhuma diferença e nem determinada por nenhuma espécie ou natureza limitada de coisas. Tampouco por todas juntas, não somente pelas que foram, são e serão, mas também por todas as que, fora dela, podem ser, e não implica contradição que sejam.

De modo que é aquele puro e absoluto ser, por essência, que não é limitado nem limitável a qualquer determinada natureza, nem por todas juntas. É aquela infinita duração e permanência que, sem princípio, meio ou fim, inclui e excede a todo princípio, meio e fim, e que única, imóvel e eternamente em si contém e fora de si causa. É aquela imensidade que, a todos que participam do ser e podem participar, assiste e está presente, operando em uns e estando pronta e disposta para operar, quando quiser, em outros, pois tudo o que são é possível que sejam. E como resultado, é aquela perfeição que não somente excede, contém, causa e pode causar todas as demais perfeições que fora dela são e podem ser, mas em si é tal e tanta que, se infinitamente formos adicionando maiores e mais excelentes perfeições às produzidas e com entendimento formos subindo mais e mais e aperfeiçoando o objeto e conceito intelectual ou inteligível, nunca chegaremos e nem chegaram a todos os efeitos, e alcançados os conhecimentos. Da perfeição existente ou conhecida, eu não digo que ela se iguale ou pareça, tampouco que se proporcione ou assemelhe³⁹ à infinita e não-causada perfeição primeira. Porque por mais que o finito se multiplique e aumente,

³⁸ “Propusicion”, alternado com “Proposicion”.

³⁹ Do românico: “semege”= 3ª pessoa singular pres. sub. irregular de “semejar” (castelhano). Vocábulo que posteriormente foi padronizado como “asemejar”. Em português, as primeiras ocorrências do verbo “assemelhar” datam do séc. XIV. Cf. CUNHA (1986).

sempre é finito e, por conseguinte, é sempre infinitamente distante do que é infinito e para tudo improporcionado⁴⁰.

Com isso se entende porque chamam os Sábios Cabalistas à Causa primeira de Ensoph, ou de infinito. E porque dela não se trata a não ser por negação, causalidade, analogia ou comparação e extrapolação.

PROPOSIÇÃO III: *Ilustra e confirma o que foi dito através da analogia ou comparação da unidade com os números.*

Como a unidade antecede a todos os números, é pura e simples⁴¹ e em si única e sem companhia fora de si. Contém em si todos os números

[f. 2r]

de modo que nenhum deles é nem pode ser sem ela. Ao passo que ela, sem todos eles, é e consiste, causa a todos, dando-lhes o ser, a conservação e a perfeição de que são capazes. [A unidade] está em todos [os números] não somente na totalidade, mas em cada uma de suas partes. Assim⁴² e muito mais, Ensoph (a Causa não-causada e primeira) precede e antecede a todas as demais coisas, não somente em duração interminável, mas em grau e excelência incomparáveis, sem haver quem a exceda e antecipe por cima, ou de antes a iguale, ou pareça⁴³ de lado, e se assemelhe⁴⁴ ou proporcione de baixo.

É simplíssima e livre de toda composição, variedade e número. Uniquíssima, sumamente singular e solitária, sem que haja nela e nem fora dela, como já dissemos, o que se iguale a ela, acompanhe, assemelhe ou de algum modo real a seja proporcional. Contém em si a todas as coisas, mas com infinita eminência e puríssima unidade e simplicidade. Causa o que está fora de si, dando-lhes o ser como eficiente, a conservação e o governo, como exemplar e meio, a operação, o bem ser, a perfeição e a bem-aventurança como fim.

⁴⁰ “ynproporcionado”.

⁴¹ “senzilla”.

⁴² “assi”, português arcaico (séc. XII), depois ocorrendo como *adsi* adv. (1192), *assj como* (1273); *asi*, *asse*, *ssi* (séc. XIII); *assim* adv. e conj (séc. XV). Cf. MACHADO (1952-1959).

⁴³ “parege”. DEL BUFFA (2010, p. 73) verte para o italiano como “assomigli”, donde nossa opção por “pareça”.

⁴⁴ “asemege”.

Está⁴⁵ em todas [as coisas] mais intimamente que elas em si mesmas, toda em todas e toda em cada uma, e em cada parte de cada uma, sem por isso deixar de estar em si fora de tudo, e infinitamente sobre tudo, em sua imensa sublimidade, recolhida e oculta. Sem ela, nada é nem pode ser, e por ela foram, são e serão todos os que foram e são. Não recusa que sejam e em algum momento venham a ser, e serão. E ela, sem todos os demais, foi, é e será (ainda que sem distinção de passado e futuro, variação, movimento, sucessão e tempo) tudo o que foi, é e será, e o mesmo que foi, é e será, sem que o passado a remova ou prive, nem o futuro a adicione ou aumente. E sem que o ser e o não-ser de todos os demais, existentes como possíveis, a façam mais ou menos perfeita, a aumentem ou minguem, ou de algum modo a alterem, ou variem a sua infinita perfeição e absoluta insuficiência, que única e imovelmente, permanece no eterno e é a mesma.

PROPOSIÇÃO IV: *É próprio de Ensoph a Causa primeira, como infinitamente generosa⁴⁶ e boa, comunicar, difundir-se e fazer bem a todos.*

Sendo próprio do bem fazer o bem, e comunicar-se é conforme a razão, é certo que Ensoph, o não-causado Causador primeiro, como suma e infinita bondade e suficiência, se há sumamente comunicado, fazendo, por pura misericórdia e graça, bem a muitos e muito, propagando e difundindo a partir de si, como infinitamente generoso e magnífico, muitos e muito perfeitos graus, ordens e espécies de efeitos nos quais sumamente resplandece. E é glorioso, sendo verdade, que por eles [i.e. os efeitos] conhecemos as causas, concluindo que quanto mais e mais perfeitos eles sejam, tanto mais perfeita e poderosa é a Causa que os produziu. Assim como é a primeira [Causa] que, comunicando aquele ser, poder e obra que – de modo eminentíssimo e simplíssimo ab eterno –

[f. 2v]

em si tinha, é princípio, meio e fim de todas as coisas.

Entenda-se bem que ninguém pode dar, nem dá a outrem, o que não inclui em si formal ou virtualmente. Estando certo que aquele que a todos tudo dá é superior a todos, e, por conseguinte, é suma perfeição e excelência.

⁴⁵ “Esta”, português arcaico (séc. XI). Cf. MACHADO (1952-1959).

⁴⁶ “liberal”.

PROPOSIÇÃO V: *Que a oculta Causa Primeira se manifesta por seus efeitos e que, não se conseguindo [isso] pelos primeiros [efeitos] (que acabaram encobertos como sua fonte, produziu outros que, sendo entendidos, a deram a entender e manifestaram.*

Querendo manifestar-se a infinita Causa primeira, foi necessário que produzisse efeitos, aos quais manifestados, ela [i.e. a Causa primeira] se descobrisse; e porque estes [efeitos], como limitados e finitos, não podiam alcançar imediata e perfeitamente a sua ilimitada perfeição e grandeza (isso devido à desproporção que há entre eles e ela, e também porque ela excede a todos os produzidos entendimentos, muito mais do que excedem os mais excelentes e incorpóreos inteligíveis aos mais baixos e corpóreos sentidos). [A Causa primeira] determinou manifestar-se por meios ou representações e semelhanças luminosas, incorpóreas e divinas que, procedidas dela e abaixo dela, demonstrassem (ainda que não sem sua virtude e concurso) alguma porção [sua] a partir de sua infinidade, já que toda ela, por si e em si, é totalmente inalcançável; e próxima e imediatamente produziu uma perfeitíssima luz e efeito, na qual resplandecem de modo excelente as perfeições de sua ilimitada fonte.

Exceto que pela grande união que com ela [i.e. a Causa primeira] tem e pela perfeição que dela participa – com que em si consistindo, a todos os demais excede – [o efeito] acabou oculto e não entendido, pelo qual [a Causa primeira] produziu através deste [efeito inicial] um outro efeito, que fosse a demonstração dele e da sua origem, que também, pelas mesmas razões, acabou encoberto. E assim sucessivamente produziu ao terceiro [efeito] e aos demais, até que, chegando ao décimo e último, se pode já alcançar e alcança o lucidíssimo espelho e a perfeitíssima espécie, ou a representante forma. O que faz possível que entendendo alcancem as inteligências puras, os espíritos angelicais e os animais racionais e, com efeito, todos os incorpóreos e criados entendimentos da suma perfeição da Causa primeira, conseguindo através deste divino conhecimento a sua última felicidade e bem-aventurança.

E esta é uma das causas da multiplicação dos graus, que se interpõem entre a Causa primeira e as intelectuais criaturas, e de sua encadeada processão, e da admirável e bem disposta ordem com que são circundas e penetradas todas.

PROPOSIÇÃO VI: *Para chegar ao inferior, imperfeito e corporal mundo foram necessários muitos graus que, interpostos entre ele e a infinita Causa Primeira, a vão sucessivamente acomodando e proporcionando à sua humildade e fraqueza.*

Adicione-se ao que foi dito que, de modo que da puríssima e ilimitada Unidade divina

[f 3r]

proceda tanta multidão e variedade, como em si contém os três criados mundos – a saber: o inteligível, o anímico e o corpóreo – com tanta e tão grande imperfeição, limitação, mudança, alteração, geração e corrupção, como incluem por suas próprias naturezas, produzidas e comparadas ao seu infinito princípio, foi conveniente (para não dizer necessário) que viesse a descer a primeira operação e eficácia divina através de muitos e ordenados escalões e graus, de modo que – da unidade à multidão, da estabilidade à mudança, do espírito ao corpo, do não-gerado e incorruptível ao que é, resolutamente do muito perfeito ao imperfeitíssimo (como é), e ao inferior e sublunar mundo – decaindo, e degenerando tanto os efeitos (chegando à imperfeição que vemos), não recebem todos imediatamente do perfeitíssimo primeiro nem do segundo, terceiro ou quarto, e os demais mesmo muito perfeitos, mas dos inferiores e posteriores e à sua imperfeição, e proporcionando-se àquele ser do qual em si participam e têm.

Esteja entendido, como se manifestará adiante, que há não somente divinas Sephiroth ou luzes em seu próprio sublime e emanado mundo, mas também por derivação e dependência delas e da primeira Causa (que o é de todas as coisas), mas também outras coisas, como seus raios, extensões e ramos que, infundidos nos mundos do Trono da Glória – ou inteligível – da Ietsira e angélico, e da Hassiah e corpóreo, os produzem em virtude da Causa primeira, de cuja luz (como já dissemos), são próximos receptáculos e eficazes instrumentos, governam e aperfeiçoam com alguma proporção e conveniência.

PROPOSIÇÃO VII: *Pelos mesmos meios que desceram, podem e devem subir os inferiores efeitos à infinita Causa primeira.*

Da proposição anterior se entende como, pela escada das luzes procedidas de Ensoph (a Causa primeira), a divindade é estendida e comunicada às criaturas, desde a superior até a mais baixa. Não somente desce a soberana eficácia para a produção e

governo de todas as coisas, mas também podem e devem subir os homens (por não tratar agora dos anjos e dos separados entendimentos, porque este não é nosso propósito) mediante a observância e inteligência da Lei divina que, como expressa imagem do supremo, é o perfeito meio e disposição dos de baixo para que se juntem e copulem com as soberanas luzes, no que consiste a sua felicidade.

E a isto conseguem subindo da luz inferior para a mais alta, e desta à outra, e a outra para a mais sublime. Até que cheguem à suma perfeição e última felicidade possível que consiste em entendê-las, e através delas, ao infinito Causador primeiro e a suas operações e efeitos, dominando também por elas a todos os mundos em que podem operar e operam milagres e prodígios, alcançando também – como já assinalamos – os futuros contingentes,

[f.3v]

enchendo-se de espírito de Santidade e profecia, e contemplando contínua e claramente os divinos segredos e encobertos mistérios, dos quais depende a Cabala ou divina recepção, de que tratamos.

PROPOSIÇÃO VIII: *Excedendo a infinita Causa primeira a todos os inteligíveis e entendimentos, se representa e de algum modo se entende pelas Sephiroth que dela procedem.*

É necessário que intervenha alguma proporção e conveniência entre a potência cognitiva e seu cognoscível objeto para que a conheça. Mas entre a Causa primeira que é infinita e todos os produzidos e produtivos entendimentos, que são limitados a partir dela em infinitos distantes, não há nem pode haver comensurabilidade ou proporção alguma, para que de algum modo a alcancem e entendam. Com que é certo que acaba em si e por si de todo oculta, e por ninguém conhecida ou cognoscível, em especial que, conhecendo-a, ou atribuem-na uma perfeição que, enquanto só e ausente das demais, ainda que excelente em seu gênero ou grau, acaba sendo imperfeita, e por conseguinte indigna da absoluta e universal perfeição divina; ou aplicam-na todas as perfeições que se encontram nos produzidos, que também não a convêm, porque cada uma delas é finita, todas limitadas, e o que delas consiste, determinado. Porque, como constituem

uma multidão e composição de várias coisas, dependentes e produzidas, o que é de todo estranho⁴⁷ e repugnante à Unidade não-causada e pura simplicidade divina.

Adicione-se ao dito que, sendo a Causa primeira totalmente incorpórea, imóvel, e de tal modo que é impossível que seja alcançada por algo que, privado destas perfeições, vem-na a ser oposto: como a imaginação, que só conhece os corporais objetos; ou a razão móvel que, dividindo, compondo, definindo e inferindo uma coisa da outra, sucessivamente discorre e própria e naturalmente alcança as móveis naturezas que a ela são proporcionadas; tampouco se alcança pelo entendimento, porque este é como o numeroso e o limitado, somente o que é determinado e vazio compreende. Com isto está certo que de todo é oculta e sem nome, a simplíssima e imutável imensidade divina, porque é claro que o conhecimento é imagem e representação da coisa conhecida, e o nome é o verbo, o sinal e manifestação do que se conhece, é infalível que não há nem pode haver nome ou enunciação do que está de todo oculto e desconhecido.

Mas para que haja o uno e o outro, se quis manifestar a oculta e inominável verdade primeira, como já se disse, por limitados e vários meios que, determinando-a e de vários modos explicando-a, a fossem por grandes, sucessivos e ordenados graus proporcionando à capacidade dos produzidos entendimentos, como excedente luz que, por muitas várias vidraças, cortinas e anteparos, se comprime, distingue e acomoda à visão humana, que por si só e imediatamente

[f. 4r]

é incapaz e remota; ou como o transparente e puro licor que por muitos vasos se mostra distinto em várias quantidades, figuras e cores de seus *kelim* (ou receptáculos), ou como alma, que ainda [que seja] incorpórea e invisível, se manifesta aos corporais sentidos nos vários membros do visível corpo, que vivifica nas diversas operações e efeitos, que através deles explica e age⁴⁸.

CAPÍTULO⁴⁹ IX: *Com várias circunscrições se dá alguma notícia da natureza, da virtude e da ação das Sephiroth emanadas.*

⁴⁷ “ageno”, castelhano antigo “ajeno”.

⁴⁸ “haze”. Na versão italiana de DEL BUFFA (2010, p. 77): “compie”.

⁴⁹ *Sic.*

Os meios que dissemos, que representam a Causa Primeira que em si, enquanto infinita, é de todo oculta, são as Sephiroth, ou divinas numerações, que dela [i.e. da Causa primeira] proximamente emanaram e que, com sua virtude e atual concurso, produziram e continuamente governam a todas as coisas.

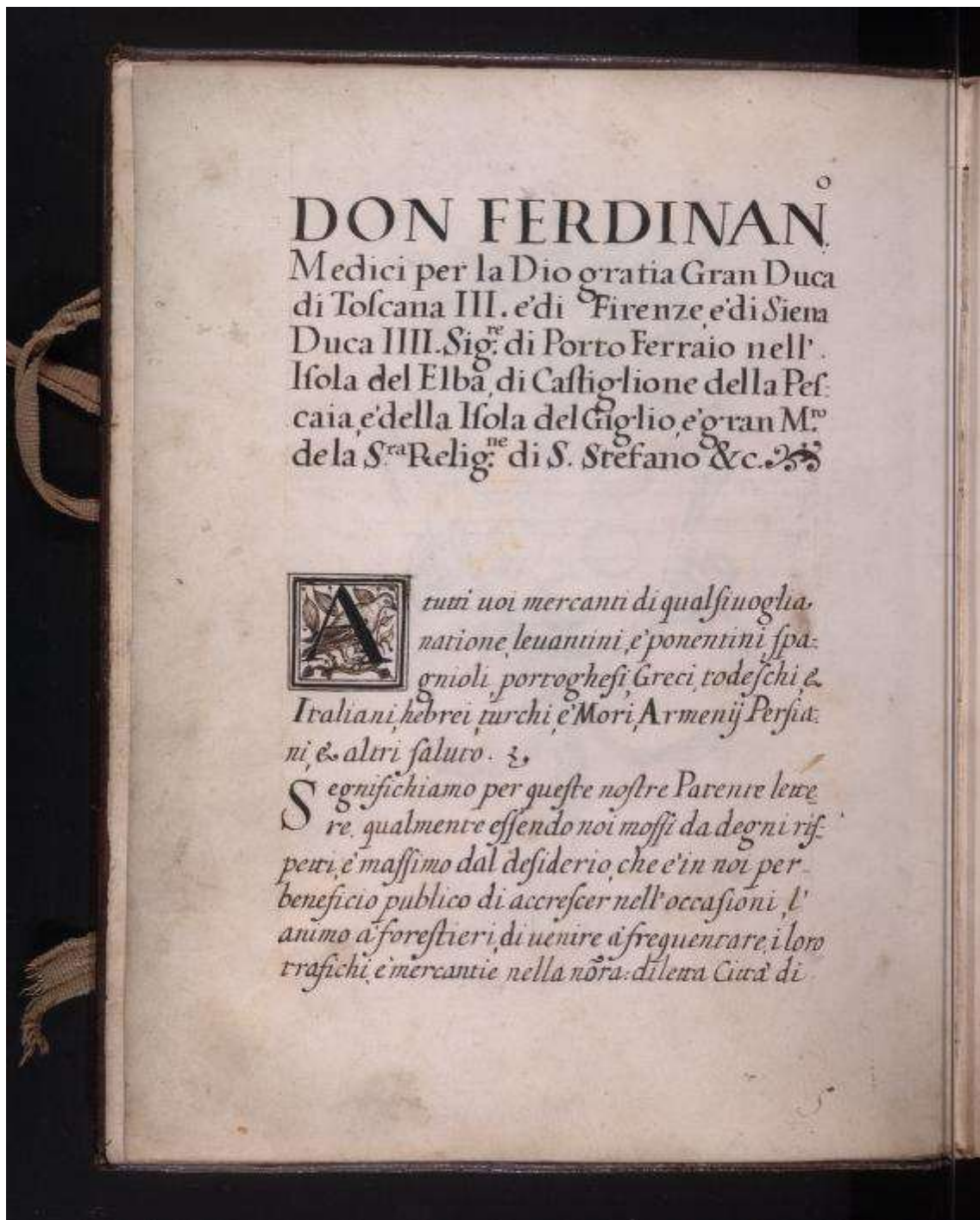
[A estas Sephiroth] se pode circunscrever, pois que defini-las é impossível, dizendo que são propagações da simplíssima Unidade divina, comunicações de sua bondade, representações de sua suma verdade e participações de seu ser; que são, por sua essência mesma, imagens e traslados de sua inteligência, demonstrações de sua vontade, vasos e receptáculos de sua potência, instrumentos de sua ação, raios com que a tudo ilustram e dão a ver, ideias, razões e sementes com que a tudo produzem, animais com que a tudo dão a ser, vida e entendimento, ordem dos tempos com que a tudo distinguem, medem e contam⁵⁰, lugares incorpóreos que a tudo contêm, supremas unidades às quais se reduzem todas as uniões, multidões ou números, e por elas, finalmente, à puríssima unidade de todas as unidades, que é a infinita e primeira.

E, em conclusão, são aquelas formais perfeições que, dependendo da única, eminente, causal e ilimitada, são causa de todas as participadas e contraídas perfeições que resplandecem nos entendimentos apartados da matéria, nas intelectuais almas e nos corpos, tanto celestes como elementares e elementais.

5- Apêndices:

⁵⁰ “quenta”, corrigimos a conjugação do verbo, colocando-o no plural.

a- Primeira página do edito de tolerância a judeus e hereges promulgado por Fernando de Médici (ms. ljs379, coleção Schoenberg)⁵¹:



DON FERDINAN
 Medici per la Dio gratia Gran Duca
 di Toscana III. e di Firenze e di Siena
 Duca III. Sig.^{re} di Porto Ferraio nell'
 Isola del Elba, di Castiglione della Pescaia,
 e della Isola del Giglio, e gran M.^{ro}
 de la S.^{ra} Relig.^{ne} di S. Stefano &c.

A tutti uoi mercanti di qualsiuoglia
 natione leuantini, e ponentini spa-
 gnioli, portoghesi, Greci, tedeschi, &
 Italiani, hebrei, turchi, e Mori, Armenij, Persia-
 ni, & altri saluto.

Significhiamo per queste nostre Parente lettere,
 re, qualmente essendo noi mossi da degni rif-
 petti, e massimo dal desiderio, che e in noi per
 beneficio publico di accrescer nell'occasione, l'
 animo a forestieri, di uenire a frequentare, i loro
 traffichi, e mercantie nella nostra dilecta Città di

⁵¹ <http://sceti.library.upenn.edu/sceti/ljs/PageLevel/index.cfm?ManID=ljs379&page=1>

b- Frontispício, primeira página e página de fim de *Puerta del cielo* (ms. EH 18A 16)⁵²:



⁵² http://www.etsheimmanuscripts.nl/eh_48_a_16/

6- Referências bibliográficas:

a- Fontes primárias:

- AGRIPPA, H. C. *Three Books of Occult Philosophy*. FREAKE, J. (trad.); TYSON, D. (org.). Woodbury: Llewellyn Publications, 2013.
- ARTIGAS, M. C. (org.). *Antología Sefaradí: 1492-1700*. Madrid: Editorial Verbum, 1997.
- COHEN DE HERRERA, Abraham. *La Puerta del Cielo*, texto integral e tradução italiana. DEL BUFFA, G. S. (trad.). Vicenza: Neri Pozza Editore, 2010.
- COHEN DE HERREA, Abraham. *Gate of Heavens*. KRABBENHOFT, K (trad.). Leiden: Brill Academic Pub, 2002.
- COHEN DE HERRERA, Abraham. *Puerta del Cielo*. Manuscrito da Coleção EH 18A 16: http://www.etsheimmanuscripts.nl/eh_48_a_16/
- CORDOVERO, Moshe. *Tamareira de Devorá*. São Paulo: Editora Sêfer, 2004.
- DEHN, G. *The Book of Abramelin: A New Translation*. GUTH, S. (trad.). Flórida: Ibis Publishing, 2006.
- IOCHAI, Shimon Bar. *Zohar*, vols. I e II. São Paulo: Annablume, 2013.
- IOCHAI, Shimon Bar. *Sêfer Zohar*. São Paulo: Polar Editorial, 2006.
- KAPLAN, A. *Sêfer Ietsirá*. São Paulo: Editora Sêfer, 2011.
- MÉDICI, Fernando de. *A tutti voi mercanti di qualsivoglia, nazionale, levantini, e e'ponentini spagnioli, porroghesi, Greci, todeschi, & Italiani, hebrei, turchi, e 'Mori, Armenii Persiani, e altri saluto*. Manuscrito da Coleção Schoenberg: <http://sceti.library.upenn.edu/sceti/ljs/PageLevel/index.cfm?ManID=ljs379&page=1>
- ROSENROTH, C. K. *The Kabbalah Unveiled*. MATHERS, S. L. M. (trad.). Londres: Routledge & Kegan Paul LTD, 1981.

b- Fontes secundárias: artigos e livros:

- IDEL, M.; ASSIS, Y. T.; SENKMAN, L.; ASLANOV, C.; GUISBURG, J. (orgs.). *Cabala, cabalismo e cabalistas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- POPKIN, R. (org.). *The Columbia History of Western Philosophy*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1998.
- _____. *Abraham Cohen de Herrera*. In: POPKIN, R. (org.). *The Columbia History of Western Philosophy*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1998.
- SCHOLEM, G. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *A Cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Perspectiva: 2012.

_____. *O nome de Deus, A teoria da linguagem e outros estudos de Cabala e mística judaica II*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

WILKE, C. L. *História dos Judeus Portugueses*. Lisboa: Edições 70, 2009.

c- Obras de referência:

CUNHA, A. G. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, Vol. 1 [A]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

ENCICLOPÉDIA JUDAICA: <http://www.jewishencyclopedia.com/>

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, 1ª ed. 2 vol., 1952-1959.